

Uma soma otimista

Ao longo da última semana conversei longamente com alguns dos principais nomes da atividade seguradora brasileira. Somando tudo o que foi dito por Osvaldo Nascimento, do Itaú; e presidente da Fenaprevi (Federação Nacional de Previdência Privada e Vida), Paulo Marraccini, da Allianz Seguros e presidente da Fensseg (Federação Nacional de Seguros Gerais), Marcio Coriolano, da Bradesco Saúde; e presidente da Fenasaúde (Federação Nacional das Operadoras de Planos de Saúde Privados), Norton Glabes Labes, da Bradesco Capitaliza; Wady Curi, da Mapfre/Banco do Brasil Seguros, e Jayme Garfinkel, da Porto Seguro Seguros, os prognósticos do setor para 2013 são otimistas, o que não é pouco quando a previsão de crescimento do país é alta. As razões para isso são simples: não há como interromper o processo de enriquecimento da população e muito menos reverter as conquistas sociais dos últimos anos. Também há como reverter ou paralisar as grandes obras de infraestrutura indispensáveis para o país sediar a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016. Há uma longa caminhada pela frente, mas ela é positiva, na medida em que obriga os participantes do mercado a se profissionalizarem, redesenharem produtos, criarem novos canais de distribuição, rever custos e gastos, analisar parcerias, segmentar empresas, redefinir a forma de atuação, se posicionar no cenário, investir para ganhar escala e se consolidarem como importantes players da vida econômica nacional. Se fala num faturamento de 300 bilhões de reais para o setor. Um segmento econômico que fatura 150 bilhões de dólares tem que ser levado a sério. O número é maior do que o PIB de dezenas de países, para não falar que ultrapassa com folga o total aplicado em saúde no país, pelo Governo e pela iniciativa privada. É consenso que o setor deve manter um ritmo de crescimento bem mais acelerado do que o restante da economia brasileira. Nisto há um contradição, uma vez que a demanda por alguns tipos de seguros permanece aquecida, enquanto, do outro lado, uma vasta parte do patrimônio nacional não tem qualquer tipo de proteção, a começar pela maioria dos automóveis que, com exceção do DPVAT (o seguro obrigatório de veículos), não possuem seguro, nem para o casco, nem para terceiros, nem para o motorista e os passageiros. Não faz muito tempo, uma pesquisa apontava um total de 18 milhões de veículos sem qualquer tipo de seguro. Além disso, os seguros de responsabilidade civil de todos os tipos ainda estão engatinhando, mas crescendo ano a ano e com bom potencial. Os seguros de garantia são indispensáveis para a realização da imensa maioria das grandes obras em andamento ou projetadas para os próximos anos. Sem eles, não há como imaginar os estádios para a copa do mundo, os investimentos em energia, óleo e gás, o desenvolvimento da infraestrutura aeroportuária e portuária e o transporte sobre trilhos. Em outras palavras, o setor irá crescer, não só em 2013, mas ao longo dos próximos anos. O que não é possível dizer quem se dará bem. Os juros baixos vieram para ficar. Nenhum dos meus parceiros de conversa espera a volta dos juros altos que pouco tempo atrás eram a regra. Esta mudança ainda não foi completamente compreendida, mas a magra remuneração da caderneta de poupança e dos títulos em geral, quando assimilada, tem um impacto na postura dos investidores. De outro lado, obrigar as empresas a reverem suas políticas operacionais. A possibilidade da remuneração do capital, descontada a inflação, ser negativa, obriga as empresas a focarem suas ações na melhora do resultado industrial. Para o setor de seguros isso implica num novo rumo. Até agora parte importante dos resultados vinha das aplicações financeiras. Isso acabou. Como a concorrência é acirrada, as empresas têm que realinhar seus produtos. Tem gente que se dará melhor, tem gente que sairá do mercado. Mas, como um todo, o setor ainda tem muito para crescer.

Normal 0 false false false EN-US X-NONE X-NONE
Revista Aplice o maior [portal de seguros](#) do Brasil

Sobre o Autor

Aplice é uma revista dirigida a todos os segmentos do mercado de seguros: corretores, seguradores, resseguradores, técnicos de seguros, entidades do setor, gerentes de risco e empresas interessadas no segmento de seguro do país.

Source: <http://www.artigopt.com>